

Primeira Missa no Brasil, Vítor Meirelles

"Aqui, nesta Conferência, analisamos a sociedade brasileira nestes 500 anos de história de sua construção sobre os nossos territórios. Confirmamos, mais do que nunca, que esta sociedade, fundada na invasão e no extermínio dos povos que aqui viviam, foi construída na escravidão e na exploração dos negros e dos setores populares. É uma história infame, é uma história indigna. Dignidade tiveram, sempre, os perseguidos e os explorados, ao longo destes cinco séculos. Revoltas, insurreições, movimentos políticos e sociais marcaram também nossa história, estabelecendo uma linha contínua de resistência. Por isso, voltamos a recuperar essa marca do passado para projetá-la em direção ao futuro, nos unindo aos movimentos negro e popular e construindo uma aliança maior: a Resistência Indígena, Negra e Popular."

Trecho do documento final da conferência dos povos e organizações indígenas do Brasil, abril de 2000



#1

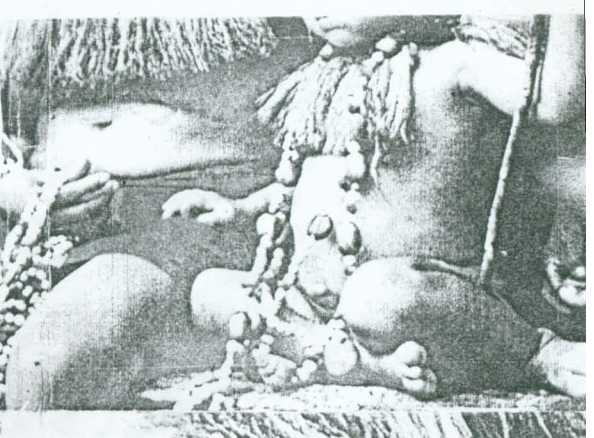
ORIGENS

fevereiro/2003



Quanta gente diferente
A aparência, a fala, os
olhares...
Muitos sorrisos e hospitalidade
Como sempre fomos

E de repente o sangue, a dor
A escravidão, a perseguição
O medo
Tudo que antes tinha
Foi tomado
Tudo que antes era livre
Foi aprisionado

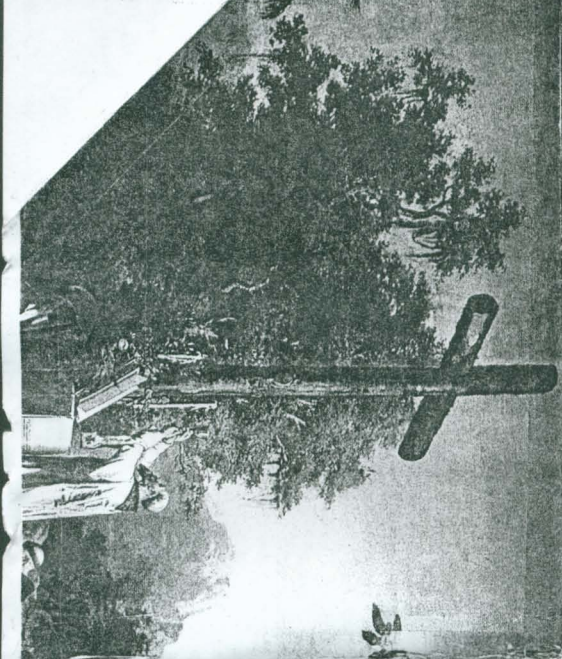


O medo
A perda
Não precisa lembrar
para senti-los
Não precisa estudar para
vê-los
Eles estão presentes
Até hoje

Inúmeros componentes da tribo yagua, com
esta família que mora em plena selva, já se
encontram civilizados e falam espanhol

Quando a noite
Vejo algo estranho
Que meus olhos não
reconhecem
Algo grande e misterioso

Memórias do
presente



ORIGENS

#1

fevereiro/2003



Primeira Missa no Brasil, Vitor Meirelles

Os índios frequentam
as cantinas do garimpo
atrás de comida e de
roupas. Acabam
levando junto a malária
e toda espécie de doença
de branco.

*Aqui, nesta Conferência, analisamos a sociedade brasileira nestes 500 anos de história de sua construção sobre os nossos territórios. Confirmamos, mais do que nunca, que esta sociedade, fundada na invasão e no extermínio dos povos que aqui viviam, foi construída na escravidão e na exploração dos negros e dos setores populares. É uma história infame, é uma história indigna. Dignidade tiveram, sempre, os perseguidos e os explorados, ao longo destes cinco séculos. Revoltas, insurreições, movimentos políticos e sociais marcaram também nossa história, estabelecendo uma linha contínua de resistência. Por isso, voltamos a recuperar essa marca do passado para projetá-la em direção ao futuro, nos unindo aos movimentos negro e popular e construindo uma aliança maior: a Resistência Indígena, Negra e Popular.

Fragmento do documento final da conferência dos povos e organizações indígenas do Brasil, abril de 2000



Na sua
ingenuidade, não
conseguem se dar conta
do mal de que estão
sendo vítimas.

Os índios do Papiá recolhem os objetos
abandonados pelos garimpeiros.
Mesmo sem falar português, eles já
aprenderam o conforto do colchão.

OS
INDÍGENAS
DO
BRASIL

Conspiração na Reserva Ianomâni

A Reserva Ianomâni, localizada em Roraima, é vista aos olhos de muitas pessoas como mais uma reserva indígena, com problemas que, infelizmente, são comuns. Tais como: invasão de mineradores em suas regiões, doenças trazidas pelos brancos, e etc. Mas por trás dos panos, há muito mais. Houve (e ainda há) uma "conspiração" internacional, que acabou por manipular muitos ambientalistas e pessoas que defendem os povos indígenas explorados, fazendo com que a Reserva fosse criada, mas com os "chefes" internacionais tendo intuições bem diferentes das de proteger a Amazônia e os povos indígenas.

Essa reserva foi criada inicialmente, em uma área correspondente a 2,4 milhões de hectares. Mas tão logo foram conhecidos os resultados do levantamento sobre as jazidas minerais e riquezas existentes na Amazônia, realizado pelo Projeto Radam-Brasil, em 1975, os seus idealizadores trataram de pressionar a sua ampliação para 5 milhões de hectares, estando hoje, em torno de 10 milhões de hectares.

Naquele ocasião, tanto o Presidente Collor, como seus ministros do Meio Ambiente e da Ciência e Tecnologia, procuravam, tão somente, satisfazer os interesses da oligarquia britânica e do Presidente dos Estados Unidos George Bush (o Bush-pai, não esse atual que quer explodir o Iraque), que lhes acenavam com a ilusória possibilidade de Brasil entrar no clube das nações do chamado "Primeiro Mundo". A iniciação do processo de demarcação da reserva não foi feita por "instigação", nem por cidadãos e nem mesmo por membros das tribos locais, e sim pelo aparato colonial britânico.

Mas então, qual foi o verdadeiro motivo que ocorreu para que a oligarquia britânica adotasse os Ianomâni como povo de sua atenção? Foi nada mais do que as imensas riquezas existentes na região, que, a seu ver, ajudaria a manter o seu domínio sobre o mercado mundial de bens minerais e naturais.

Já a precisa localização da Reserva Ianomâni, foi resultado de várias viagens de exploradores ingleses. Uma suposição é que a meta era escolher grupos indígenas que, posteriormente, poderiam ser manipulados para ser obstáculos frente à construções de grandes obras de infra-estrutura necessárias para criar as conexões essenciais que visariam o desenvolvimento da região central da América do Sul.

Para isso, foi criada a Survival International, que tinha como projeto principal a criação do Parque Ianomâni. Seus recursos vieram da organização Word Wildlife Fund (WWF), na pessoa de seu presidente Sir Peter Scott, que, naquela época, comandava outra entidade importante da estrutura burocrática inglesa, a Sociedade para a Preservação da Fauna e da Flora, cujo objetivo era a manutenção dos privilégios imperiais britânicos disfarçados de conservação da natureza, sobretudo através da ampliação de parques nacionais, estendidos a todos os continentes.

Desde a criação da Survival International até o decreto de Collor, houve alguns fatos, que mesmo parecendo absurdos, aparentemente ter sido planejados, dentre eles: o reconhecimento do terreno, mostrando que a área era a ideal para a demarcação da Reserva, favorecendo os Ianomâni; a nacionalização da campanha, provocando uma sensibilização pelos povos indígenas, quando na verdade o real interesse era monopolizar as riquezas ali encontrados; e, o assassinato de Chico Mendes, que mesmo não sendo planejado, resultou numa maior pressão em cima do governo brasileiro.

Continuando a estratégia, em 1989, o "líder" Ianomâni Davi Kopenawa foi contemplado com o Prêmio Global 500 da ONU, e fez um tour pela Europa, recebendo cobertura da imprensa internacional. Já em setembro de 1989, ocorreu uma manifestação em Londres, em frente a embaixada brasileira contra a devastação da Amazônia, com famosas ONGs ambientalistas internacionais, que aparentemente estavam pensando na Floresta e nos povos indígenas, e não no monopólio dos recursos lá encontrados.

Em 1990, as pressões vieram da chamada Nova Ordem Mundial, formada pelo então Presidente dos EUA, George Bush e executada através de sua aliança com a Primeira Ministra da Inglaterra, Margaret Thatcher e o líder soviético Mikhail Gorbachov. As pressões renovadas, produziram efeito, porque o governo Collor sempre foi sensível à influências externas (assim como todos os outros governos) e alguns afirmam que Collor recebia (talvez ainda receba) "doações" financeiras da Goia Foundation da Inglaterra.

Ainda em 1990, houve muita divulgação da questão da Reserva Ianomâni na Inglaterra, promovida pelo príncipe Charles e pela Survival International, assim como os debates nos parlamentos britânicos. Em abril de 1991, o príncipe Charles visitou o Brasil, e realizou um seminário sobre a questão Ianomâni, com presença do presidente Fernando Collor e seu Ministro do Meio Ambiente, Lutzenberger.

Em junho, para completar, o presidente da Venezuela, Carlos Andrés Pérez, assinou um decreto criando a Reserva da Biosfera Alto Orinoco-Casiquiare, delimitando uma reserva para os Ianomâni venezuelanos, contígua à brasileira. No mesmo mês, quando Collor foi a Washington - EUA, o presidente Bush recebeu o pedido de oito senadores do Partido Democrata Americano pedindo que ele fizesse mais pressão para que se demarcasse logo a Reserva. Em outubro, Collor recebeu o Diretor da WWF, Hermer Ehringhaus e o Deputado americano John Barter. E em 15 de novembro de 1991, Collor assinou o decreto que demarcava a Reserva Ianomâni, com uma área em torno de 10 milhões de hectares.

Como se pode verificar, a demarcação da área Ianomâni foi o principal objetivo de toda o esforço ambientalista internacional sobre a Região Amazônica, mas que foi manipulada pela oligarquia britânica e estadunidense interessadas somente nas riquezas existentes nela.

Há fatos que mostram que os Ianomâni são, na verdade, povos de várias etnias diferentes, "alistrados" (ler manipulados) a mando internacional para ocupar a área que depois seria a Reserva. Antes mesmo de se pensar na demarcação, estudiosos da região amazônica percorreram inteiramente a área que atualmente é dita Ianomâni, onde apenas se encontrou grupos esparsos de índios, com línguas, costumes e até tipos físicos diferentes, mas nenhuma, entre as dezoto tribos relacionadas, com a denominação "Ianomâni". Mas a imprensa logo misturou tudo, sem nenhuma base antropológica.

A Reserva tem uma grande jazida de diamantes, ouro, quartzo e etc. Além disso, contém muita água potável (que futuramente será um problema para os países ricos), e toda a biodiversidade da Amazônia, com grande parte de suas espécies animais e vegetais ainda desconhecidas. Há comentários de que existe o "governo da República Socialista Ianomâni", formado no exterior, que tem como presidente um cidadão estadunidense, Mr. Charles Dunbar, nascido em Connecticut e "naturalizado" Ianomâni. O vice-presidente é alemão, e os ministros pertencem a várias nacionalidades. Não é comprovado, porém muitos falam que já pode se emitir um passaporte Ianomâni, e o território da Reserva será desanexado do Brasil.

O fato de povos indígenas terem mais uma Reserva para poder viver como bem entendem é muito importante, independente deles serem do mesmo grupo, com características iguais ou não. A desanexação do território por trás disso, e quando os Ianomâni menos esperarem, eles estarão totalmente nas mãos dos chefões internacionais, e o Brasil não poderá fazer nada à respeito, nem que quisesse.

*Devido o número de fontes consultadas sobre o caso Ianomâni ser grande, quem desejar obter-las, entre em contato.

Povos Indígenas

Quinhentos anos se passaram e não só aqui na América, mas ao redor do mundo, povos foram massacrados, quer dizer, colonizados. Se esse quadro fosse apenas uma visão do passado, a situação não seria tão ruim, mas infelizmente o dito progresso só atinge a sociedade "civilizada", deixando a maior parte dos povos indígenas sem o mínimo de direitos e respeito. Os ameríndios calculados em 42 milhões à época da invasão (descobrimto) da América, (quase o mesmo número de europeus) não passaram atualmente de alguns milhares (cerca de 300.000), principalmente na região amazônica.

No Brasil, a maior população indígena é dos guarani, que inclui os grupos Kaiawá, Mbaá e Nhandeva. Eles são classificados e se unem, principalmente, pela língua falada: o tupi-guarani. Mas muitos outros povos se classificam pelas áreas culturais. A FUNAI (Fundação Nacional do Índio) calcula que, além dos grupos já conhecidos, existem cerca de 80 grupos totalmente isolados na Amazônia, podendo até pertencer a novas etnias. Além do extermínio dos povos indígenas, a discriminação sempre existiu. No século XIX, ser índio significava pertencer a uma raça, ou seja, era uma questão biológica. A Antropologia estava impregnada pelo racismo e o subdesenvolvimento de um povo, sua pobreza era explicada através da cor da pele, tipo de cabelo, etc. Hoje, o conceito escolhido para usar o termo índio é o de autoidentificação étnica: índios são aqueles que se identificam como tal, a identificação passa então a ser sociológica e não baseada na raça, como ocorreu durante todo o século XIX.

Até os anos 70, a ação indigenista e o cotidiano das comunidades indígenas no Brasil, eram acompanhados, basicamente, por duas forças políticas (e econômicas) que divergiam mais pelos seus fins do que pelos seus meios. O governo, através de seu agente oficial de então, o SPI, buscando desobrigar-se de sua responsabilidade legal de prestar assistência aos índios, tendo como perspectiva sua integração completa na comunidade nacional; e do outro lado as Igrejas, por meio de suas inúmeras missões religiosas, buscando recrutar novas almas ao seu rebanho, o que também significava integrar este novo rebanho à comunidade nacional através de sua tradicional estrutura de congregações, e outras formas de poder similares.

Atualmente, a falta de informação acaba nos deixando muito afastados da questão dos povos indígenas. Um exemplo disso são as denominações usadas para os povos indígenas. É muito usada a palavra "índios" para falar de toda uma imensidão de povos indígenas que possuem culturas distintas, línguas, costumes e universos religiosos próprios. Esta mácula do plural, utilizada para falar dos diversos povos indígenas do Brasil, termina por desumanizar e descaracterizar toda riqueza cultural destes grupos, entendidos como "índios" e não como povos. Não se fala em povo Xavante, Guarani ou Xerente, como modos próprios de ser, mas apenas e simplesmente, índios.

Os primeiros contatos que temos com os povos indígenas é na escola, onde somos ensinados a comemorar o "Dia do Índio" (que deveria ser Dia dos Povos Indígenas) em abril, lembrando apenas o passado do "descobrimto", nos fazendo pensar que os povos indígenas estão tão distantes de nós como as estrelas estão da Terra. Somente um dia do ano, ou às vezes uma semana, é dedicado à povos que foram tão importantes para estarmos aqui, e que são parte de nossa cultura e, principalmente, do nosso presente. Ao invés de vestir as crianças com tanguinhas e penugens coloridas, deveria ser discutido quais povos existem no estado, qual sua situação, as suas terras são demarcadas e etc. Outro assunto que nos é impregnado desde a escola são as figuras heróicas dos bandeirantes. Eles fizeram uma linha ética, exterminando centenas de povos indígenas. Mataram, estruparam e violaram suas terras, e são sempre lembrados como os heróis que trouxeram a civilização para as matas impenetráveis. E para não serem esquecidos pelos seus "maravilhosos" feitos recebem nomes de estradas e até estátuas.

Nos últimos anos a questão indígena tem se destacado no Brasil, principalmente pela crescente importância da Amazônia como um dos últimos redutos naturais da Terra, ainda pouco explorado. Isto é, a discussão sobre a política indigenista e o próprio índio só tiveram um crescente importância devido as especulações econômicas que se começa a visualizar na região amazônica. Mas apenas olhar para o problema e não fazer nada é o que tem ocorrido. Os povos indígenas são obrigados a grandes deslocamentos territoriais, porque não têm proteção legal e concreta na quase totalidade dos países. Eles enfrentam outros problemas, tais como: a ganância por seus recursos naturais trazendo muitos invasores; a falta de informação de sua riqueza cultural; o seu status de inferioridade; o esgotamento dos recursos naturais; e ainda a expansão demográfica e industrial de nossa civilização. Houve até casos em que mulheres indígenas foram esterilizadas criminosamente. Outro problema que se torna cada vez mais comum são os acordos mal feitos que muitas comunidades entram para conseguir um pouco de dinheiro e alguns recursos para sobreviver, e acabam por vender seus recursos naturais. A ingenuidade de muitas comunidades faz com sejam mais explorados e enganados, e mesmo sabendo de acordos anteriores que houve enganação, muitos teimam em tentar. A venda irregular de madeira, facilitação para o acesso da atividade garimpeira, arrendamento direto ou disfarçado de grandes extensões de terras indigenas a produtores regionais são alguns exemplos e, infelizmente, apenas algumas das experiências dolorosas para as quais as cidades comunidades indígenas estarão se encaminhando, cada vez mais, em nome de uma discutiavel afirmação da própria autonomia.

Contatos: A/C Isadora
Cx Postal 665
CEP:01059-970 São Paulo - SP

Imagine a Terra invadida por seres com um poder bélico incrivelemente superior ao nosso e, portanto, capazes de impor sua cultura, seus valores e seus objetivos. Isso desarticulária toda a vida à qual estamos acostumados. Do produzir ao sentir, não poderíamos mais ser os mesmos. As noções de certo e errado, de bom e ruim, de bonito e feio, cujos parâmetros foram estabelecidos após séculos de sedimentação cultural, seriam completamente destruídas em pouco tempo. Contra essa força avassaladora só teríamos duas alternativas: a luta e a resistência, tendo a ou a renúncia de nós mesmos.

Isso está acontecendo com os povos indígenas. Nós, os civilizados, os progressos, estamos há quinhentos anos impondo aos povos indígenas uma dessas duas alternativas: ou morra o seu corpo, ou morra o seu espírito.

(retrato do livro

"Um Índio Caiu do Céu",
de Reynaldo Vainho Alvarez)

Os Últimos Waiwái

Em 1945, Robert E. Hawkins e seus dois irmãos, missionários americanos da Unevangelized Fields Mission, contataram os Waiwái do rio Essequibo, que fica próximo da fronteira Roraima-Guiana, e em três anos conseguiram decifrar sua língua e elaborar um alfabeto Waiwái para poder traduzir a Bíblia e pregar os ensinamentos de Jesus para os indígenas. Em 1949, os Waiwái do rio Mapuera souberam que seus irmãos na Guiana hospedavam pessoas estranhas que diziam que o mundo acabaria numa fogueira enorme e que poderiam mostrar o caminho para a salvação e uma vida melhor. Curiosos e com medo do fogo, muitos do Waiwái do Mapuera foram para a Guiana, para saber mais sobre estas pessoas.

Maravilhados com as pregações dos irmãos Hawkins, os Waiwái logo se acostumaram com a presença dos missionários, mas continuaram com as suas tradições de xamanismo e pajelaria. Com o passar dos anos, porém, os esforços dos missionários começaram a surtir efeito. Os Waiwái só precisavam de um ato mágico para serem convertidos, o que aconteceu em 1955, através de uma aposta.

O pajé dos Waiwái, o jovem Ewka, possuía o espírito do porco, e por isso não podia caçar nem comer porco-do-mato, além de outros animais sagrados. Um dia, sabe idô do fato, os missionários insistiram com Ewka que o porco era um animal como outro qualquer, e que não faria mal nenhum se ele comesse. Ewka garantiu que a carne era proibida para ele, mas os missionários afirmaram que Jesus, seu salvador, o protegeria contra o espírito do porco, permitindo que ele comesse a carne do animal sem passar mal ou morrer. Ewka, disposto ao sacrifício para provar sua superioridade do espírito, aceitou experimentar a carne, com a condição de que, se ele passasse mal ou morresse, os missionários deixariam a aldeia para sempre. Seria algo acontecesse nada, estaria provado que Jesus realmente era mais forte que os espíritos dos Waiwái, e eles o aceitariam.

Ao passar o resto do dia sem sentir nada, Ewka foi forçado a admitir que Jesus era o mais forte, e, num gesto simbólico que mudaria profundamente a vida dos Waiwái, jogou todos os seus instrumentos de pajelaria no rio e aceitou cristo como seu salvador. Em pouco tempo, graças ao poder e prestígio de Ewka como líder natural dos Waiwái, todo o grupo se converteu.

Daí para frente, os ensinamentos da Bíblia e dos missionários tomaram o lugar dos costumes, tradições, lendas e crenças que tinham passado de geração em geração. Os Waiwái, que segundo os missionários sempre viveram com medo dos maus espíritos e da pajelaria vingativa, passaram a temer o pecado e a quebra das regras ditadas por uma cultura completamente diferente à sua. A transformação foi tão radical que os próprios Waiwái começaram a evangelizar as tribos da região, trazendo para sua aldeia principal, base da missão, famílias inteiras de índios.

Em 1976 morreu em Kanashen um índio de 65 anos, chamado Kumuyá, era o último Waiwái verdadeiro sobrevivente das guerras com os Parikoto e Tarumá no começo do século passado.

A missão seguiu com os Waiwái para o Brasil, adotando o nome de Missão evangélica da Amazônia, e foi assim que ocorreu a morte cultural de sete nações indígenas. Embora os mais velhos lembrem as crenças do passado, todos evitam falar nisso, e os jovens só sabem que antes da missão havia outros espíritos. Nos meses, cederam lugar a apenas duas festas anuais, curiosamente celebradas a 25 de dezembro e na Páscoa, dias do nascimento e da ressurreição de Cristo.

Adaptado do reportagem "Os Últimos Waiwái", da revista Geográfica Universal, novembro de 1976.

Lembranças há 500 anos

"Hoje é esse dia que podia ser um dia de alegria para todos nós. Vocês estão dentro daquilo que é o coração do nosso povo, que é a terra, onde todos vocês estão pensando. Isso é nossa terra. Onde vocês estão pensando vocês têm que ter respeito porque essa terra pertence a nós."

"Vocês, quando chegaram aqui, essa terra já era nossa. O que vocês fazem com a gente? Nossos povos nativos e donos dessa terra, que vivem em harmonia com a natureza: tupi, xavante, tapuia, caiapó, paltaó e tantos outros."

Séculos depois, estudos comprovam a nossa teoria, contada pelos antigos povos de geração em geração dos povos, as verdadeiras sábas, que vocês não souberam respeitar e que hoje não querem respeitar. São mais de 40 mil anos em que germinaram mais de 990 povos com culturas, com línguas diferentes, mas apenas em 500 anos esses 990 povos foram reduzidos a menos de 220. Mais de 6 milhões de índios foram reduzidos a apenas 300 mil. 500 anos de sofrimento, de massacre, de exclusão, de preconceito, de exploração, de extermínio de nossos parentes, aculturamento, estupro de nossas mulheres, devastação de nossas terras, de nossas matas, que nos tomaram com a invasão. Hoje querem afirmar a qualquer custo a mentira do "descobrimto", travando a nossa terra numa cruz de metal, levando o monumento, que seria a resistência dos povos indígenas. Símbolo da nossa resistência e do nosso "ximinto". Com tudo isso, não vão conseguir impedir a nossa resistência. Cada vez somos mais numerosos. Já somos quase 6.000 organizações indígenas em todo o Brasil. Resultado dessa organização: a Marcha e a Condição Indígena 2000, que reuniu mais de 150 povos; ter em resultado a médio e longo prazo. A terra para nós é sagrada. Não está a memória de nossos ancestrais dizendo que chama por justiça. Por isso exigimos a demarcação de nossos territórios indígenas, o respeito às nossas culturas e às nossas diferenças, condições para sustento, educação, saúde e punição aos responsáveis pelas agressões aos povos indígenas. Estamos de luto. Né quando? Vocês não se envergonham dessa memória que está na nossa alma e no nosso coração, e vamos recontá-la por justiça, terra e liberdade."

Discurso do índio paltaó Jerry Adriañ, no Jesus

recontá-la por justiça, terra e liberdade."

Discurso do índio paltaó Jerry Adriañ, no Jesus

INÍCIO DA LUTA